

CAPÍTULO I

Um almoço literário

A sra. Oliver contemplou seu reflexo no espelho. Lançou um breve olhar de soslaio ao relógio na cornija da lareira, o qual, ela imaginava, estava vinte minutos atrasado. Então retomou o exame de seus cabelos. O problema com a sra. Oliver era – e ela tranquilamente admitia tal fato – que seus penteados eram alterados o tempo todo. Ela já tentara quase tudo, uma coisa de cada vez: em certa ocasião, um severo pompadour, depois, um estilo varrido pelo vento em que você escovava os cachos para trás de modo a exibir uma frente intelectual – ao menos ela esperava que sua frente parecesse intelectual. Tentara um arranjo rigidamente encaracolado, uma espécie de desarranjo artístico. Tinha de admitir que hoje não importava muito qual fosse seu tipo de penteado, porque hoje ela iria fazer algo que raras vezes fazia: usar um chapéu.

Na prateleira mais alta do guarda-roupa da sra. Oliver repousavam quatro chapéus. Um era definitivamente destinado a casamentos. Se você fosse a um casamento, um chapéu era obrigatório. Mesmo assim, a sra. Oliver tinha dois. Um deles, guardado numa chapeleira redonda, era de plumas. Encaixava-se com perfeição na cabeça e resistia muito bem a repentinas rajadas de chuva caso a pessoa fosse surpreendida por uma enquanto se deslocava do carro para o interior da sagrada construção – ou, como é tão comum hoje em dia, para o interior de um cartório.

O outro chapéu, mais elaborado, era definitivamente propício para um casamento realizado num sábado à tarde no verão; tinha flores e chiffon e um revestimento de rede amarela com mimosas.

Os outros dois chapéus na prateleira eram de uso mais versátil. Um era o que a sra. Oliver chamava de “chapéu da casa de campo”, feito de feltro castanho e adequado para o uso com tweeds de praticamente qualquer feitio, com uma aba vistosa que você podia virar para cima ou para baixo.

A sra. Oliver tinha um pulôver de caxemira para os dias mornos e um pulôver leve para o calor, ambos de cor adequada para compor um figurino com o chapéu de campo. Entretanto, embora os pulôveres fossem usados com frequência, o chapéu praticamente nunca o era. Porque, na verdade, qual era o propósito de colocar um chapéu numa mera ida ao campo para uma refeição com amigos?

O quarto chapéu era o mais caro de todos e agregava vantagens extraordinariamente duradouras. Possivelmente, a sra. Oliver às vezes pensava, por ser tão caro. Consistia numa espécie de turbante com diversas camadas de veludo contrastantes, todos em tons pastel bastante vistosos que combinavam com qualquer coisa.

A sra. Oliver esperou, em dúvida, e então chamou por auxílio.

– Maria – ela disse.

Então falou mais alto:

– Maria, venha cá um minuto.

Maria foi. Já tinha se acostumado a ser solicitada para dar conselhos quanto aos acessórios que a sra. Oliver estava pensando em usar.

– Vai usar o seu belo chapéu elegante, é? – Maria perguntou.

– Sim – respondeu a sra. Oliver. – Eu queria saber se, na sua opinião, ele fica melhor dessa maneira ou ao contrário.

Maria recuou um passo para contemplá-lo.

– Bem, é com a parte de trás para frente que a senhora está usando, não é?

– Sim, eu sei – disse a sra. Oliver. – Sei disso muito bem. Mas achei que, de certa forma, ficava melhor desse jeito.

– Ah, por que ficaria? – Maria retrucou.

– Bem, ele se presta para isso, eu suponho. Mas precisa se prestar para isso tanto da minha parte quanto de parte da loja que o vendeu – afirmou a sra. Oliver.

– Por que a senhora acha que é melhor do jeito errado?

– Porque percebemos esse adorável tom de azul e o marrom-escuro, e acho que esse lado é mais bonito do que o outro, que é verde com vermelho e cor de chocolate.

Nesse momento a sra. Oliver tirou o chapéu, colocou-o de novo e o experimentou do jeito errado, do jeito correto e de lado, que tanto ela quanto Maria desaprovaram.

– A senhora não pode usá-lo de lado. Quero dizer, não fica bem para o seu rosto, concorda? Não ficaria bem para o rosto de ninguém.

– Não. Assim não dá. Acho que vou usá-lo da maneira correta, afinal de contas.

– Bem, acho que sempre é mais seguro assim – falou Maria.

A sra. Oliver tirou o chapéu. Maria lhe ajudou a colocar um vestido de lã bem cortado e leve, de uma delicada cor marrom-arroxeadada, auxiliando-a também no ajuste do chapéu.

– A senhora está mais elegante do que nunca – Maria comentou.

Era por isso que a sra. Oliver gostava tanto de Maria: se lhe dessem um mínimo pretexto para expressar sua opinião, ela sempre aprovava e elogiava.

– Vai fazer um discurso no almoço, é? – Maria perguntou.

– Um discurso! – exclamou a sra. Oliver, como que horrorizada. – Não, claro que não. Você sabe que eu nunca faço discursos.

– Ora, eu achei que todo mundo discursava nesses almoços literários daqui. É para um desses que a senhora está indo, não é? Célebres escritores de 1973... ou seja lá em que ano chegamos agora.

– Eu não preciso discursar – retrucou a sra. Oliver. – Diversas outras pessoas que *gostam* de discursar farão discursos, e elas se saem muito melhor do que eu me sairia.

– Tenho certeza de que a senhora faria um discurso lindo, caso se propusesse a pensar num – disse Maria, incitando-a.

– Não, eu não faria – falou a sra. Oliver. – Sei o que consigo fazer e sei o que não consigo. Não consigo fazer discursos. Fico toda preocupada e nervosa, e iria provavelmente gaguejar ou dizer a mesma coisa duas vezes. Eu não apenas me sentiria uma boba como provavelmente pareceria uma boba. Agora, no que diz respeito às palavras, aí tudo bem. Você pode anotar as palavras, ou registrá-las num gravador, ou ditá-las. Consigo me virar com as palavras contanto que eu saiba que não estou fazendo um discurso.

– Ah, certo... Espero que tudo corra bem. Mas tenho certeza de que correrá. Vai ser um almoço bem grandioso, não vai?

– Sim – disse a sra. Oliver com uma voz profundamente abatida. – Um almoço bem grandioso.

“E por que raios estou indo a esse almoço?”, a sra. Oliver pensou, mas não disse. Ela revirou seus pensamentos por algum tempo, pois sempre fazia muita questão de saber o que faria em vez de fazer algo primeiro para depois se perguntar por que o fizera.

“Suponho”, ela disse, de novo consigo, e não para Maria, que tivera de retornar um tanto apressadamente à cozinha convocada por um cheiro de geleia que calhava de transbordar no fogão, “que eu queira ver qual é a sensação. Sempre me convidam para almoços literários ou coisas desse gênero e eu nunca vou.”

A sra. Oliver chegou à última etapa do almoço grandioso com um suspiro de satisfação – emitido enquanto brincava com os restos de merengue em seu prato. Ela tinha uma particular adoração por merengues, e aquele tinha sido um delicioso prato final num almoço muito delicioso. Todavia, tendo chegado à meia-idade, precisava ter cuidado com merengues. Os dentes? Eles tinham uma bela aparência, além da grande vantagem de que não podiam doer, eram brancos e de um aspecto bastante

agradável – de todo parecidos com a coisa de verdade. Mas era bem verdade que *não* eram dentes verdadeiros. E dentes que não eram dentes verdadeiros – ou essa era, pelo menos, a crença da sra. Oliver – não eram realmente de um material de primeira categoria. Os cães, sempre lhe parecera, tinham dentes de um verdadeiro marfim, mas os dentes dos seres humanos eram de mero osso. Ou, ela supunha, se fossem dentes falsos, eram de plástico. De qualquer forma, a questão era que você não podia se deixar mostrar no espetáculo um tanto vergonhoso ao qual podiam conduzir os dentes postiços. Alface era uma dificuldade, e amêndoas salgadas, e doces como chocolates com recheio consistente, caramelos grudantes e a deliciosa e pegajosa aderência dos merengues. Com um suspiro de satisfação, ela encaminhou a última colherada. Tinha sido um bom almoço, um ótimo almoço.

A sra. Oliver adorava pequenos confortos aprazíveis. Desfrutara muitíssimo do almoço. Desfrutara da companhia também. O almoço, realizado para homenagear escritoras célebres, afortunadamente não havia se limitado a mulheres que escreviam. Havia comparecido outros escritores, e críticos, e quem lia livros bem como quem os escrevia. A sra. Oliver se sentara entre dois encantadores membros do sexo masculino. Edwin Aubyn, cuja poesia ela sempre admirava, uma pessoa extremamente divertida que tivera diversas experiências agradáveis em seus giros pelo mundo e diversas aventuras literárias e pessoais. Era também aficionado por restaurantes e comida, e eles conversaram muito alegremente sobre comida, deixando de lado o assunto da literatura.

Sir Wesley Kent, no outro lado, também se mostrara um agradável companheiro de almoço. Dissera coisas muito simpáticas sobre os livros dela, e tivera o tato de dizer coisas que não a deixavam se sentindo constrangida, algo que inúmeras pessoas faziam quase sem intenção. Mencionara uma ou duas razões pelas quais gostara de um ou outro dos livros dela, e tinham sido as razões corretas – portanto, a sra. Oliver havia formado uma

opinião favorável de Sir Wesley Kent por essa razão. Elogios de homens, a sra. Oliver pensou consigo, eram sempre aceitáveis. Eram as mulheres que se derramavam. Cada coisa que as mulheres lhe escreviam! Francamente! Nem sempre mulheres, é claro. Às vezes rapazes emotivos de países muito longínquos. Ainda na semana passada ela recebera a carta de um fã que começava assim: “Lendo seu livro, posso sentir o quanto a senhora deve ser uma mulher nobre”. Depois de ler *O segundo peixinho dourado*, ele então mergulhara numa espécie de intenso êxtase literário que era, segundo a sra. Oliver sentira, completamente impróprio. A modéstia da sra. Oliver não era forçada. Ela julgava que as histórias de detetive que escrevia eram bastante boas em seu gênero. Algumas não eram tão boas, e algumas eram bem melhores do que outras. Mas não havia motivo algum, até onde lhe parecia, para que um leitor qualquer pensasse que a autora era uma mulher nobre. Ela era uma mulher de sorte que firmara o feliz dom de escrever algo que uma bela quantidade de gente queria ler. “Que sorte maravilhosa”, pensava consigo a sra. Oliver.

Bem, levando tudo em consideração, ela enfrentara muito bem aquele sacrifício. Passara um tempo bastante agradável, conversara com algumas pessoas simpáticas. Agora todos estavam se deslocando para onde o café era servido e distribuído, onde você podia trocar de parceiros e bater papo com outras pessoas. Esse era o momento perigoso, como a sra. Oliver bem sabia. Era quando outras mulheres costumavam se aproximar e atacá-la – atacá-la com louvores exagerados –, e quando ela sempre se sentia lamentavelmente ineficiente no ato de dar as respostas corretas, porque não existiam, de fato, quaisquer respostas corretas que você pudesse dar. Era bem parecido, na verdade, com um guia para viajar ao estrangeiro com as frases corretas.

Comentário: “Eu *preciso* lhe dizer que simplesmente adoro ler os seus livros e como acho todos eles maravilhosos”.

Resposta da autora atrapalhada: “Ora, é muita bondade. Fico tão contente...”.

“A senhora precisa entender que aguardei por meses a oportunidade de conhecê-la. Realmente é maravilhoso.”

“Ah, é muita gentileza sua. Muita gentileza mesmo.”

O diálogo se dava quase exatamente assim. Nenhuma das duas parecia ser capaz de falar sobre qualquer coisa de interesse externo. Tinha de ser só sobre os livros que uma escrevera, ou sobre os livros da outra mulher, caso se soubesse como eram seus livros. Ela fazia parte do meio literário e não era boa nesse tipo de jogo. Algumas pessoas conseguiam jogá-lo, mas a sra. Oliver era amargamente ciente de que não dispunha do talento adequado. Uma amiga estrangeira certa vez lhe dera, quando estava hospedada numa embaixada no exterior, uma espécie de curso.

– Estou lhe ouvindo – Albertina dissera com sua voz estrangeira, baixa e charmosa. – Já ouvi o que você disse para aquele jovem que veio do jornal para entrevistá-la. Você não tem... não!, você não tem o orgulho que deveria ter pelo seu trabalho. Deveria dizer: “Sim, eu escrevo bem. Escrevo melhor do que qualquer outra pessoa que escreve histórias de detetive”.

– Mas eu não escrevo tão bem assim – a sra. Oliver retrucara naquela ocasião. – Eu não sou ruim, mas...

– Ah, pare de dizer “eu não” desse jeito. Você precisa dizer que *sim*; mesmo se pensar que não escreve tão bem, você deveria *dizer* que escreve bem.

– Seria ótimo, Albertina – falou a sra. Oliver –, se você pudesse dar entrevistas para esses jornalistas que aparecem... se sairia tão bem... Você não poderia se passar por mim um dia? Eu ficaria escutando atrás da porta.

– Sim, creio que eu poderia fazer isso. Seria muito divertido. Mas eles saberiam que eu não sou você. Conhecem o seu rosto. Mas você precisa dizer “Sim, sim, sei que sou melhor do que qualquer outra pessoa”. Precisa dizer isso para todo mundo. Todos deveriam saber disso. Deveriam anunciá-lo. Sem dúvida... é terrível ouvir você, aí sentada, dizendo certas coisas, como se pedisse *desculpas* por aquilo que você é. Não pode ser assim.

Tinha sido praticamente, pensou a sra. Oliver, como se ela fosse uma atriz iniciante tentando decorar um papel e o diretor a tivesse considerado irremediavelmente péssima de ser dirigida. Bem, de qualquer forma, ali não haveria grande dificuldade. Algumas mulheres estariam à espera quando todos se levantassem da mesa. Na verdade, ela já conseguia enxergar uma ou duas pairando por ali. Não seria um grande problema. Ela trataria de sorrir, de ser simpática e dizer: “Muita bondade sua. Fico muito satisfeita. Ficamos tão contentes de saber que as pessoas gostam dos nossos livros...”. Todas as falas obsoletas de sempre. Bem como se você enfiasse a mão numa caixa e tirasse algumas palavras úteis já encadeadas como um colar de contas. E então – agora não faltava muito – ela poderia ir embora.

Seus olhos percorreram o entorno da mesa, porque ela poderia, talvez, avistar ali algumas amigas bem como pretensas admiradoras. Sim, de fato avistava, na distância, Maurine Grant, que era pura diversão. Chegou o momento: levantaram-se as literatas e os cavalheiros acompanhantes que também haviam comparecido ao almoço. Todos afluíram rumo a cadeiras, a mesinhas de café, a sofás e cantos reservados. O momento perigoso, segundo a sra. Oliver frequentemente pensava consigo, se bem que quase sempre em festas, não em eventos literários, pois estes ela raras vezes frequentava. O perigo poderia surgir a qualquer momento, na forma de alguém de quem você não lembrava, mas que se lembrava de você, ou de alguém com quem você certamente não queria conversar, mas de quem, como você acabava constatando, era impossível escapar. No presente caso, ocorreu-lhe o primeiro dilema. Uma mulher grande. Porte avantajado, dentes brancos, grandes e trituradores. A mulher que em francês poderia ter sido chamada de *une femme formidable*, mas que definitivamente tinha não apenas a qualidade francesa de ser formidável como também a inglesa de ser mandona ao extremo. Era óbvio, ou ela conhecia a sra. Oliver, ou então tinha firme intenção de conhecê-la ali mesmo. Calhou de ser esta última circunstância.

– Ah, sra. Oliver – ela falou com uma voz estridente. – Que prazer encontrá-la hoje. Aguardei isso por tanto tempo... Eu simplesmente adoro seus livros. Meu filho também. E o meu marido costumava insistir em nunca viajar sem pelo menos dois dos seus livros. Mas venha cá, sente-se, por favor. São tantas as coisas que eu gostaria de lhe perguntar...

“Ah, bem”, pensou a sra. Oliver, “não é o meu tipo preferido de mulher, essa aí. Mas tanto faz que seja ela ou qualquer outra.”

Ela permitiu ser conduzida de uma maneira enérgica, quase como se estivesse sob as ordens de um policial. Deixou-se levar até um canapé situado num canto; sua amiga aceitou café e colocou uma xícara diante dela também.

– Pronto. Agora estamos acomodadas. Creio que a senhora não sabe o meu nome. Sou a sra. Burton-Cox.

– Ah, claro – retrucou a sra. Oliver, constrangida como de costume.

Sra. Burton-Cox? Ela escrevia livros também? Não, a sra. Oliver não conseguia se lembrar de nada a respeito dela. Mas parecia já ter ouvido aquele nome. Ocorreu-lhe uma vaga ideia. Um livro sobre política, algo assim? Não era ficção, não era entretenimento, não era crime. Talvez uma intelectual de alta erudição com viés político? Nesse caso haveria de ser fácil, a sra. Oliver pensou com alívio. Posso simplesmente deixá-la falar e dizer “Que interessante!” de vez em quando.

– A senhora vai ficar muito surpresa, de fato, com o que eu vou dizer – falou a sra. Burton-Cox. – Mas pude sentir, lendo seus livros, o quanto a senhora é solidária, o quanto a senhora entende a natureza humana. E sinto que, se existe uma pessoa que pode dar uma resposta à pergunta que quero fazer, essa pessoa será a senhora.

– Eu não acho, realmente... – disse a sra. Oliver, tentando encontrar palavras adequadas para expressar que sentia muita incerteza quanto a sua capacidade de corresponder à alta missão que lhe era pedida.